

Propostas metodológicas para a prática de leitura: relato de experiência

1. Licenciado em Letras pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/RS), Especialista em Ensino de Literaturas de Língua Portuguesa pela mesma Universidade e Mestre em Letras pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter/RS). Doutorando em Estudos Clássicos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC). Professor dos Colégios Marista Assunção e Marista Ipanema e da Faculdade Genecista Nossa Senhora dos Anjos.

Eduardo Pereira Machado¹

Resumo

O presente estudo aborda, primeiramente, questões referentes às aulas de literatura, após apresenta uma proposta de trabalho em sala de aula com a tragédia grega *Medeia*, de Eurípides. Pretende-se, nessa perspectiva, desenvolver aulas mais dinâmicas e motivadoras.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Leitura.

1 Considerações Iniciais

Vivemos em um mundo rodeados/bombardeados pela informação e pela informatização que a tecnologia de ponta oferece: televisão, computador, celular, ipod e outros meios de comunicação preenchem o dia a dia da comunidade escolar. Com tais recursos, na maioria das vezes, deixamos para trás o prazer proporcionado pela leitura.

Sendo assim, a partir da tragédia grega *Medeia*, pretendemos apresentar uma proposta metodológica a ser aplicada em sala de aula para estudantes do primeiro ano do ensino médio. Para tanto, antes faremos uma análise sobre a problemática da leitura nos dias atuais e sua relação com a literatura.

2 Aula de literatura: aspectos relevantes

Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível.

Paulo Freire

Como sabemos, o ensino de literatura está diretamente vinculado à leitura. Não podemos imaginar o ensino dessa disciplina sem que a leitura esteja presente. Assim, em meio a tantos problemas relacionados à prática de ensino, deparamo-nos com a dificuldade de proporcionar ao educando a motivação necessária para o ato de ler.

É notório que a formação do leitor deve iniciar antes de o aluno entrar para a escola; a motivação deve ocorrer já no âmbito familiar, pois é através do exemplo e da curiosidade que a criança desperta para o mundo das letras.

As crianças não aprendem através da instrução, elas aprendem através do exemplo, e aprendem atribuindo significado a situações essencialmente significativas (...). As crianças aprendem desde o momento em que vêm ao mundo (SMITH, 1973, p. 49).

Mas, infelizmente, salvo casos raros, não encontramos o auxílio essencial para o desencadeamento do processo “família + exemplo = leitura”. Tal fato pode ocorrer devido à falta de tempo da família na criação do educando, já que estamos inseridos em um mundo onde o tempo é um produto escasso; além disso, a leitura restringe-se ao poder aquisitivo do brasileiro – cada vez menor –, dificultando o acesso à produção escrita.

Em relação aos professores, a falta de tempo é uma característica relevante, pois a excessiva carga horária do educador versus a pequena carga horária da disciplina, faz com que o docente não planeje recursos mais aprimorados:

Problema de difícil solução, sem dúvida, é a falta de tempo do professor. (...) A falta de tempo resulta em falta de preparo de aulas e de material didático apropriado. Nas escolas, muitas vezes, observam-se planos copiados de anos anteriores, objetivos traçados para outras turmas, por outros professores, critérios de avaliação aleatoriamente selecionados, que resultam em avaliações malfeitas e em aulas sem estímulo para os alunos (CAVALCANTE, 2003: 155).

Dessa forma, ao retratar o ensino de Literatura, deparamo-nos com uma triste realidade norteadas por dificuldades a serem vencidas – iniciando com a formação do profissional e a quebra de seus (pre) conceitos e, por fim, mas não menos importante, considerando o perfil do aluno, suas vivências, seu contexto e suas (des)motivações. Portanto, ao receber os alunos para a aula, o professor deve, como tarefa primordial, estabelecer dentro de sua sala uma interatividade, de tal forma que possa aguçar o interesse desses jovens aprendizes pela leitura.

O ambiente escolar foi e é o espaço onde professores e alunos trocam experiências relacionadas ao processo ensino-aprendizagem. Sendo assim, antes de o educador partir para teorias e análises literárias, precisa, acima de tudo, fazer com que os discentes adquiram gosto pelas letras, descobrindo assim o que elas podem lhes proporcionar.

O aluno, ao chegar ao Ensino Médio, depara-se com disciplinas até então “desconhecidas”. Assim sendo, é nessa etapa escolar que a maioria das escolas apresenta a literatura como componente curricular independente – por isso a grande preocupação em estimular os jovens para a prática da leitura, pois no Ensino Fundamental, muitas vezes, os textos servem apenas para o exercício da gramática.

Nesse novo universo, o professor tem papel importantíssimo no processo de motivação do educando, auxiliando-o na descoberta do “novo”. Porém, para alcançar o objetivo almejado, são necessários alguns pré-requisitos:

Em primeiro lugar, é necessário que o professor tenha amor pelo que faz. Ou melhor: é preciso paixão. O entusiasmo com que se fala de um livro, a maneira como se dá uma aula, os procedimentos selecionados podem ser os melhores remédios para educar o aluno que não tem o hábito da leitura. Não se ensina a amar o livro se não se gosta de ler (CAVALCANTE, 2003: 144).

As aulas de língua e literatura devem proporcionar ao aluno um momento de reflexão, discussão e interação com professores e colegas; a comunicação deve ser fator predominante:

Comunicação aqui entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente, usando a língua como instrumento que o define como pessoa entre pessoas. A língua compreendida como linguagem que constrói e “desconstrói” significados sociais (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1999: 138).

Nesse contexto, o aluno, dentro da escola, deve ter assegurado um exercício amplo da linguagem, tendo o direito tanto de dizer e escrever, quanto de ser ouvido e lido:

A competência do aluno depende, principalmente, do poder dizer/escrever, de ser alguém que merece ser ouvido/lido. A escola não pode garantir o uso da linguagem fora do seu espaço, mas deve garantir tal exercício de uso amplo no seu espaço, como forma de instrumentalizar o aluno para o seu desempenho social (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1999: 144).

É importante, portanto, que o professor seja o estimulador da criatividade e da comunicação, deixando os momentos de convivência educador/educando o mais participativos possível, nunca se esquecendo de que a peça fundamental dessa relação é a interação do aluno junto a seus colegas e professores. Cabe aqui, também, ressaltar a necessidade de o docente conhecer a turma em que está inserido e, principalmente, a individualidade de cada membro, para que sua aula possa fluir com qualidade e o resultado possa ser satisfatório.

Dessa forma, após escolher a obra, o professor – na sua tarefa de mediador – deve planejar sua aula utilizando-se de métodos diferentes dos utilizados até alguns anos atrás, estimulando o aluno, pouco a pouco, a preencher as lacunas deixadas pelo texto trabalhado. A intertextualidade, por exemplo, encontrada nos textos é essencial, uma vez que denota do educando um certo conhecimento de mundo e aproximação com a sua realidade.

Ao mesmo tempo, estimular o estudante para a produção textual é uma tarefa que exige do profissional atividades constantes e desafiadoras, mas que é necessária e fundamental. Sabemos que o estímulo para a produção de textos deve iniciar desde muito cedo, porém isso não ocorre – e quando ocorre, muitas vezes, é porque o professor não preparou a aula e engata uma redação descontextualizada “para passar o tempo”. Então, é tarefa dos professores, difundir a prática do real planejamento das aulas. Para tanto, é necessário promover no ambiente escolar espaço para que o aluno possa relatar suas experiências, promovendo assim, a troca de informações.

Na disputa acirrada em que a Literatura e a Leitura encontram-se, fazem-se necessárias metodologias diferenciadas e motivadoras, dentre essas, o teatro é uma forma de despertar interesse.

Proporcionar aos estudantes contato direto com peças teatrais é uma alternativa instigante, porém sabemos que nem todos têm acesso a esse tipo de cultura, o que não impede que o professor trabalhe com esse recurso em sala de aula. Nesse campo nos deparamos, mais uma vez, com a intertextualidade, já anteriormente mencionada:

A intertextualidade leva, portanto, novamente à descoberta do caminho para a aula de literatura. Encontramos em outras linguagens, na de outras artes (pintura, esculturas, cinema, teatro) o material que pode auxiliar na leitura do texto literário. O estímulo à literatura nasce da compreensão. (...) Nesse sentido o teatro sempre foi preciosa técnica para aprendizagem (CAVALCANTE, 2003: 151).

Trabalhar a leitura/literatura juntamente com outras artes torna o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e interessante. Nessas perspectivas, o processo avaliativo ganha espaço para discussões:

É fundamental que a avaliação seja contínua, de acordo com os objetivos estabelecidos em cada etapa da aprendizagem. (...) o professor deve realizá-la de acordo com as habilidades que deseja ver desenvolvidas no aluno (falar, ouvir, ler, escrever) conforme as características da turma – do aluno em particular – e os níveis de aprendizagem em que se encontrem (CAVALCANTE, 2003: 144).

Dessa forma, o processo de avaliação deve compreender e preencher todos os campos do conhecimento, de maneira coesa e ampla, analisando os conhecimentos prévios do educando e os adquiridos após as aulas. Para tanto, o docente necessitará realizar anotações a cada aula ministrada, a fim de promover um parecer justo e satisfatório.

Enfim, torna-se perceptível que o ensino de literatura depende da motivação para a leitura, que, por sua vez, deve ser uma prática desafiadora e movida pela curiosidade. Logo, o sucesso da docência dessas disciplinas está diretamente ligado ao comprometimento em querer, além de ensinar fatos, aguçar os estudantes para um ato extraordinário e prazeroso, uma viagem em que o condutor é o leitor, pois através da literatura o aluno torna-se um disseminador de cultura, propagando-a para sua comunidade.

3 *Medeia* e o cosmos grego: propostas para a sala de aula

Toda experiência é um alicerce sobre o qual se pode construir.

Harry Brooks Adams

A literatura nos remete a outros lugares, com ela podemos viajar para além da margem. Nesse sentido, trabalhar com uma tragédia grega torna-se uma fonte inesgotável de curiosidades, que, por sua vez, instiga os alunos para a descoberta de um novo mundo. Procuramos elaborar, dentro de uma metodologia diferenciada, uma série de atividades que possam auxiliar o professor em seu exercício de docência, tendo como base a leitura da peça *Medeia*.

O enredo da obra constitui-se de uma vingança da heroína contra Jáson, porque o herói grego compromete-se com outra mulher – Glauce – mesmo tendo formado com *Medeia* uma família. No mundo grego, ainda que não ocorresse o casamento oficial – caso de Jáson e *Medeia* –, os cônjuges passavam a ter responsabilidades de esposo e esposa no momento em que se unissem e tivessem filhos, incluindo-se aí a mútua fidelidade.

Temos, portanto, nesse texto, temáticas bastante atualizadas e universais.

3.1 Primeira aula

O professor deve iniciar a aula sondando os estudantes sobre suas noções prévias a respeito do conteúdo a ser trabalhado. Com base nas manifestações feitas pelos educandos, iniciar a aula com um mapa-múndi (projetado na lousa interativa) para localizar o país em estudo – nesse momento notamos a presença da interdisciplinaridade (no caso, a disciplina de Geografia), tão importante no ensino atual.

Os próprios alunos poderão interagir e irem até o mapa para, assim, localizar a Grécia. Cumprida essa etapa, o professor deve explanar sobre a situação do país no período mitológico, podendo contar com o auxílio de um professor de História. Também seria interessante levá-los para “navegar” pela Mitologia Grega, através da rede mundial de computadores.

Ao falar sobre o mundo grego, o educador deve dar destaque aos deuses mitológicos. Nesse momento, abre-se uma discussão sobre a religião politeísta da Grécia, confrontando-a com a filosofia cristã. É desnecessário ressaltar que devem ser respeitadas todas as manifestações feitas pelos estudantes, e que será o professor o mediador desse diálogo. Ainda, deve deixar-se claro que estamos tratando de uma filosofia mitológica, vendo-a como construção ficcional, e não realidade concreta.

Ao final do debate, solicitar aos alunos uma pesquisa sobre os deuses gregos para posterior apresentação. Sendo assim, o professor irá dividir a turma em grupos de no máximo três alunos e delimitar “um deus” para cada trio. O trabalho deverá ser apresentado de forma diferenciada – extrapolando aquelas formas de apresentação em que os alunos apenas leem um pedaço de papel –, para tanto, nesse primeiro momento, o professor deixará aflorar a criatividade dos alunos sem o seu auxílio direto, para que assim possa verificar com que perfil de alunos está trabalhando.

3.2 Segunda aula

No início da segunda aula, o professor deve abordar o que foi estudado na primeira; após deverá iniciar as apresentações dos trabalhos. Concluída essa etapa, destacar os pontos positivos e negativos da atividade. Ao final dos comentários, encerrar a aula falando sobre a importância dos deuses para o estudo dos mitos.

3.3 Terceira aula

Nessa atividade, o professor irá trabalhar com os alunos o Mito do Velocino de Ouro. Antes de a aula iniciar, o professor deverá recortar o Mito do Velocino de Ouro em seis partes e espalhar pela escola. A tarefa dos alunos será encontrar as partes e montá-las.

Realizada essa etapa, juntos, alunos e professor irão fazer a leitura do mito, sua análise e discussões. Após, os alunos procurarão em dicionários as palavras desconhecidas por eles. Encontrada

todas as palavras, os estudantes deverão trocar experiências sobre os novos vocábulos, a fim de compartilhar o conhecimento.

O docente deve instigar os alunos, perguntando como imaginam o Velocino de Ouro. Todavia, distribuirá folhas e lápis colorido para que cada estudante possa desenhar seu velocino.

Para encerrar a aula, cada membro da turma irá comentar sobre seu desenho e suas impressões.

3.4 Quarta aula

Ao iniciar a aula, o educador irá retomar o mito do Velocino de Ouro e, após, questionar os educandos sobre o mito dos Argonautas, verificando se algum aluno já conhece a história. Transcorrido esse processo, os discentes irão assistir ao filme *Jáson e os Argonautas*, cuja temática é o mito em questão. Para essa atividade, o professor irá necessitar de uma carga horária maior; por isso, o ideal será conversar previamente com outros educadores a fim de utilizar os seus períodos.

3.5 Quinta aula

Em círculo, os alunos irão conversar sobre suas considerações a respeito do filme. Nesse momento, deverá ser comentado o papel de *Medeia* no desenrolar dos fatos.

Concluídas as manifestações, os educandos irão produzir uma história em quadrinhos sobre a vida de Jáson e Medéia após os acontecimentos vistos no filme. Essa história deve ser realizada em duplas e, transcorrida a atividade, o professor fará uma exposição no saguão da escola.

3.6 Sexta aula

A temática dessa aula será o Amor. Para tanto, o professor poderá iniciar os trabalhos com a música *Faroeste Caboclo*, composição de Renato Russo. A partir da temática abordada pela canção, verificar junto aos estudantes a possível relação com as ações de *Medeia*.

Após, questionar e promover um debate sobre as consequências de um grande amor; até onde somos capazes de ir para conservarmos a pessoa amada e não perdermos nossa paixão. Indagá-los se seriam capazes de agir como a heroína mítica, até onde ela agiu corretamente e onde começa a errar, a agir desmedidamente. Cabe lembrar que todas as manifestações dos alunos serão realizadas apenas com base no filme assistido e nos mitos até aqui trabalhados, uma vez que eles ainda não tiveram contato com a tragédia.

Encerrar a aula, instigando os alunos sobre qual seria a reação de *Medeia* se, por acaso, Jáson viesse a traí-la. E ainda: qual seria a reação deles no lugar da heroína?

3.7 Sétima aula

Os alunos, munidos da tragédia *Medeia*, irão sentar em círculo e promover, sob a mediação do professor, uma leitura dramatizada da obra. Encerrada essa etapa, reservar espaço para a discussão dos fatos ocorridos, questionando: *Medeia* não teria outras soluções para seu problema senão matar os próprios filhos? Não seria possível a heroína reconquistar seu grande amor?

Após o debate, pedir aos alunos que, em grupos, reescrevam a história sobre a ótica de Jáson, o marido traidor, relatando os motivos pelos quais ele traiu sua esposa. Os estudantes deverão ler suas produções textuais para o grande grupo.

3.8 Oitava aula

Essa aula deverá iniciar estabelecendo um paralelo sobre o que ocorreu antes de Cristo e se o mesmo fato poderia ocorrer na atualidade. Sendo assim, após as manifestações dos alunos, o educador deve solicitar uma pesquisa em jornais e revistas sobre crimes passionais. O trabalho deverá ser em grupos e apresentado para a turma através de painéis.

Nessa aula, o professor deve lançar a proposta de realização de um “juízo” para *Medeia*. Os estudantes serão divididos em três grupos: de um lado estarão os alunos que defendem as atitudes de *Medeia*, e de outro os que não a apoiam, sendo o terceiro grupo o júri popular. Certamente não haverá pessoas para defender a heroína, mas mesmo assim, o professor deve estimular o grupo responsável pela defesa, a fim de que eles possam encontrar algum resquício para salvar *Medeia* e convencer o júri.

Estabelecida a divisão, os alunos ficarão debatendo em seus grupos e construindo “evidências” para a realização do julgamento, que deve ocorrer na aula posterior.

3.9 Nona aula

Essa aula deverá ser destinada ao julgamento de *Medeia*. Ao final das explanações dos advogados de defesa e acusação, o júri deverá se reunir e proferir sua sentença.

Concluído o processo, o educador irá comentar a respeito da tragédia, ressaltando o seu princípio básico, pois com atitudes tão “desumanas”, Eurípides quis demonstrar aos cidadãos da Grécia Antiga o quão terrível era cometer o adultério, principalmente tratando-se de uma heroína feiticeira, que cometera grandes crimes por amor. A intenção da tragédia e do autor era fazer com que o público desistisse de tal ato, fazendo com que o espectador pensasse nas consequências antes de realizá-lo.

Trabalhada a tragédia, o professor irá recomendar a leitura de *Gota D’água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes.

3.10. Décima aula

Realizada a leitura integral da obra de Buarque e Pontes, haverá uma discussão estabelecendo um paralelo em relação às duas histórias: *Medeia* x Gota D'água.

Para encerrar o planejamento, os alunos, com o auxílio do professor, irão encenar – na íntegra ou em partes – o texto brasileiro. A escolha desta obra deve-se ao fato de ela ser contemporânea e de fácil entendimento para os outros alunos que irão assistir. Nessa perspectiva, a tragédia *Medeia* pode ser de difícil entendimento, uma vez que o público assistente não estudou os mitos anteriores e as características da tragédia e do cosmos grego.

4 Considerações Finais

Para que tenhamos um ensino de qualidade e um amplo aprofundamento das temáticas trabalhadas nas aulas de Literatura, é necessária a participação de todos os membros envolvidos no processo ensino-aprendizagem, e cabe ao professor despertar em sua aula o gosto pela leitura/literatura, através de seu fazer pedagógico.

Tentamos, com as atividades aqui apresentadas, trazer alternativas metodológicas que buscam motivar ao estudo prazeroso da Literatura e à prática da leitura. Esperamos que as propostas possam de fato auxiliar o professor do Ensino Médio, porém sabemos que as atividades aqui expostas não farão com que todos os alunos saiam da escola com seus hábitos de leitura modificados – mas se atingirmos parte, dos muitos que temos, já será motivo para comemorarmos. Esperamos, também, que o professor possa – e de fato deseje – na utilização de nosso trabalho fazer as alterações que julgar necessárias para que sua aula fique mais dinâmica e motivadora.

Referências

CAVALCANTE, Moema. Com método e criatividade: aula de literatura. In: SOUZA, Luana (org.). **Ensino de língua e Literatura**: alternativas metodológicas. Canoas: Editora da Ulbra, 2003.

EURÍPIDES. **Medeia; Hipólito; As troianas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

MACHADO, Eduardo Pereira; RHEINHEIMER, Marione. Manifestações do trágico em *Medeia* e *Gota d'água*: da ruína pessoal à tragédia cósmica. **Textura**, n.15, jan/jun. 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: 1999.

RÖSING, Tânia M.K. **Ler na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. **Gota d'água**. 38ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SMITH, Frank. A política da Ignorância. In: **The politics of reading. Point and couter point**. Deleware: Eric & Ira, 1973.

SOUZA, Luana. Explorando textos e horizontes: a estética da recepção no ensino de literatura. In: SOUZA, Luana (org.). **Ensino de língua e Literatura**: alternativas metodológicas. Canoas: Editora da Ulbra, 2003.